

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Diego Neves da Anunciação

**APONTAMENTOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO
JOVEM E DO ADOLESCENTE CRISTÃO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof^a. Maria Cecília dos S. R. Simões.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Diego Neves da Anunciação**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472223A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado APONTAMENTOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO JOVEM E DO ADOLESCENTE CRISTÃO, desenvolvido durante o período de 08 de Setembro de 2016 a 25 de Janeiro de 2017 sob a orientação de Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 25 de janeiro de 2017.

Diego Neves da Anunciação

APONTAMENTOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO JOVEM E DO ADOLESCENTE CRISTÃO

Diego Neves da Anunciação¹

Resumo:

O artigo apresenta apontamentos sobre a relação entre adolescência, juventude, religião e política e como se dão as referências e influências nos processos de construção de noções políticas e laços sociais. Tomando por base a noção de troca simbólica, apresentada por Pierre Bourdieu em sua obra “A Economia das trocas simbólicas” e autores como Luciano Lirio do Vale, que aborda a vivência do adolescente em contextos religiosos, este artigo analisa o valor simbólico das relações e seu peso na formação de um indivíduo religioso. Por fim, o artigo conclui que a igreja cumpre um papel que vai além do espaço social, mas se firma como espaço de atuação política, fornecendo ao adolescente e ao jovem informações significativas no âmbito privado que se estendem ao âmbito público.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Política. Adolescência. Juventude.

Introdução

Este artigo procura analisar a influência da religião na formação sociopolítica do adolescente e do jovem cristão. Toda minha adolescência, e início da vida adulta, se passaram dentro das igrejas que frequentei, nas quais pude ter experiências diretas em relação à forma como a religião é capaz de construir uma visão de mundo e como esse processo influencia nas relações sociais. Neste sentido, minha experiência pessoal influenciou a opção por este tema, instigando aprofundar melhor meus estudos sobre esta relação através das abordagens acadêmicas.

Na primeira parte do artigo abordo o papel da igreja como grupo social formativo, acolhendo o adolescente e apresentando a ele um amplo espaço de identificação e interação, funcionando como um grupo de interação importante e muitas vezes de influência definitiva na formação de jovens e adolescentes.

A segunda parte trata da igreja enquanto instituição política e se propõe a ser uma reflexão sobre a estrutura política da igreja e como as relações de poder se dão dentro de determinados espaços religiosos.

Na terceira e última parte busco refletir sobre os conflitos possíveis e as percepções dos espaços de atuação do jovem: espaço público x espaço privado. Neste sentido busco analisar como o aprendizado dentro do espaço religioso, compreendido aqui como espaço privado, se derrama sobre o espaço público e traz noções conflitantes entre os dois espaços e suas visões de mundo ao jovem cristão.

Com esta estrutura, através da bibliografia selecionada, busquei construir uma breve e despretensiosa abordagem que relaciona religião, juventude e política, reiterando a importância do estudo da religião para a compreensão das tramas sociais na atualidade;

1. A Igreja como grupo social formativo

É comum observarmos nos discursos produzidos por um número incontável de pessoas, elementos característicos do universo religioso. Desde as mais próximas até as mais distantes dos nossos círculos sociais, pessoas e mais pessoas firmam suas convicções sobre fundamentos religiosos, ensinados como regra e padrão moral, para alguns, desde a infância. Tomando como objeto de análise a religião cristã, focando principalmente nas denominações evangélicas e protestantes, já é bem sabido que há uma preocupação com o desenvolvimento de um pensamento que tome por certo aquilo que se lê nas escrituras sagradas, se ouve nas pregações durante os encontros e cultos e se firme no cotidiano dos que professam sua fé na religião em questão, através de rituais simbólicos como jejuns e orações. Mas para que o ensino desse padrão comportamental seja bem assimilado é necessário criar um ambiente convidativo, um espaço de pertença e identificação com o outro, no qual as interações construídas ali sejam suficientemente significativas e produzam um interesse genuíno no exercício dessa fé que orienta a vida em todos os âmbitos. Sendo assim, podemos

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: diegonevesbanda@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof^ª. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões

afirmar que a presença de adolescentes e jovens nesses espaços, é importante para o processo de construção de um indivíduo que se orienta segundo os conceitos religiosos, mas não apenas como um homem religioso, pois é justamente nessa fase da vida em que assimilamos informações que nos orientam política e socialmente, que nos percebemos no mundo como atores sociais que buscamos grupos com os quais possamos nos identificar enquanto tal.

A igreja, principalmente para os que frequentam as turmas iniciais de escolas dominicais e afins, se mostra como uma espécie de grupo social secundário² para jovens e adolescentes. É na igreja onde as interações sociais são construídas através da atuação em diversas atividades, que podem envolver pessoas com diferentes pontos de vista, unida por um objetivo em comum. Desde bandas, grupos de teatro e dança, até os encontros evangelísticos e missionários, o adolescente se percebe como peça importante para o bom funcionamento da estrutura eclesial, principalmente em igrejas de visão mais ampliada e contextualizada da realidade. Mas não só isso, também vê que possui uma função de agente identificativo, ou seja, percebe que suas ações se identificam com as ações de outros que interagem com ele, trazendo um significado simbólico para a sua presença naquele espaço de atuação. Através da música, da literatura, dos shows, apresentações e eventos dos mais variados tipos, em alguns contextos produzindo discursos que afirmem a religião como raiz das soluções para problemas de variadas ordens, o adolescente absorve os preceitos e conceitos do que significa certo e errado, transbordando todos esses conceitos para além da vida religiosa, atingindo a construção de suas relações e sua leitura de mundo, influenciando sua formação como indivíduo, como ator social.

Devemos considerar a religião, além de uma narrativa mítica, uma forma de linguagem, de construção de conhecimento, um sistema simbólico. O adolescente que acaba de entrar em uma fase complexa, na qual a tônica da estrutura de suas relações são a curiosidade, a experimentação e a busca por uma identidade, vê no espaço religioso uma fonte de informações e coordenadas que o orienta e o leva a fazer novas perguntas e encontrar outras respostas. Segundo Luciano de Carvalho Lírio:

“os adolescentes são encarados pelas suas lideranças como um bloco monolítico em fase de transitoriedade, um eterno *vir a ser*. Ele é visto como quase adulto, quase moço (a), quase um ministro, quase alguém capaz de se sustentar. Há uma valorização por parte dos adultos do presente vivido em comunidade como espaço válido para sua formação. A convivência no templo é considerada um espaço e um tempo de construção de identidade”. (2012, p.403)

Não abordaremos aqui o sentido alienante da religião, visto nos escritos de Marx, mas teremos por objetivo observar a religião como linguagem, como universo simbólico, construtor de conhecimento e um elemento modelador do caráter, das opiniões e do pensamento do adolescente e do jovem. Para que essa observação e análise sobre a religião como forma de linguagem, que constrói uma identidade, realçando o sentimento de pertença e a construção dos laços sociais, possa ser efetiva e objetiva, lançaremos o olhar sobre os discursos produzidos dentro do ambiente eclesial. O cristianismo em geral, mesmo em se tratando de instituições tradicionais, que primam pelo cuidado desta tradição, que encontra suas raízes em diferentes visões teológicas, como por exemplo o metodismo, o calvinismo e o pentecostalismo, reconhece que a linguagem, no sentido estético, usada para jovens e adolescentes não pode ser a tradicional, o que geralmente leva a instituição a adotar uma linguagem informal, que traz para dentro do espaço religioso o uso de um linguajar comum a faixa etária em questão. O uso de gírias, expressões cotidianas dos adolescentes e jovens e até mesmo a resignificação de signos da cultura popular, como super-heróis e personagens de livros e filmes, para atrair a atenção desses meninos e meninas são comumente reconhecidos nos espaços religiosos. Palavras como “encontrão” ou “culto jovem” ajudam a passar adiante a ideia de que ali, naquele templo, naquele salão, teatro ou até mesmo em espaços a céu aberto é o lugar onde estarão presentes pessoas que comungam de ideias em comum do interesse do jovem, e que, além disso, estão unidos em um propósito maior.

Elementos culturais, como artes cênicas e música, possuem papel de destaque nos cultos e eventos. Os recursos líricos e cênicos usados nos momentos do culto são responsáveis por transmitir os valores morais entendidos pela igreja como necessários para uma vida bem-sucedida, criando sempre uma relação dicotômica entre “o mundo” e “a igreja”. É nesse ponto que encontramos um problema: ao mesmo tempo em que a igreja, mesmo como espaço religioso, se faz um grupo de interação social e de construção de relações que definem e

² Grupos sociais primários são grupos onde os laços afetivos possuem caráter maior de proximidade. Exemplo: Família. Grupos sociais secundários são aqueles nos quais as relações não possuem laços afetivos tão estreitos, apesar de existir ainda um vínculo entre os indivíduos inseridos no grupo: Exemplo: igrejas e escolas.

identificam os sujeitos envolvidos nessa interação, ela usa a narrativa religiosa para criar um discurso que muitas vezes entra em conflito direto com o espaço de vivência social fora do âmbito religioso, o que pode gerar pontos de conflito até mesmo entre os praticantes da religião em questão, já que, apesar de estarem unidos em torno de um objetivo comum, cada um constrói sua própria interpretação daquilo que recebe como informação. Apesar da religião, como linguagem, levar, teoricamente, a mesma informação para todos, dentro de um mesmo grupo religioso os valores simbólicos e signos podem ser reinterpretados segundo as influências pessoais permeadas pelas histórias de vida de cada jovem e pela formação recebida dentro dos grupos primários, como a família, por exemplo. Sendo assim, além da problemática da dicotomia “mundo x igreja”, existe a complexidade das interpretações e ressignificações diferentes, ocorridas dentro de um mesmo grupo. Além disso há o agravante paradoxo de apresentar como ruim o que ao jovem muitas vezes parece ser bom, já que se encontra em uma fase de experimentação e conhecimento do mundo, como por exemplo o processo de “demonização” da bebida alcoólica, do sexo fora do casamento e de outros comportamentos, desviante dos padrões religiosos.

Partindo das questões apresentadas, o que se pode perceber é que não existe um bloco hegemônico de pensamento, o que podemos comparar ao conceito de condição de classe e posição de classe, apresentado por Bourdieu (2011: p.5). Cada grupo possui suas particularidades, o que significa dizer que a classe evangélica ou protestante não representa o mesmo posicionamento diante de temas pertinentes à sociedade. Sendo assim, toda a informação passada é assimilada de modos variados e produz visões diferentes sobre determinados assuntos. Enquanto interage e se entende como indivíduo, o adolescente lida com as diferentes questões segundo suas percepções. Os laços construídos dentro do espaço eclesial são importantes no processo de construção das interações sociais, mas além dos laços, os pontos de cisão determinam as convicções e organizam, ainda considerando o fator identificativo, posicionamentos dentro da sociedade.

Com o advento do neopentecostalismo, algumas igrejas mais tradicionais perceberam a necessidade de se adaptarem aos tempos atuais e reproduzirem discursos alinhados a “mentalidade neopentecostal”, como observa Nilson da Silva Júnior em seu artigo “Igreja Líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo” (Revista de Teologia e Cultura: p.77), para atrair adolescentes e jovens que se identificam com toda a estética da linguagem usada pelas igrejas neopentecostais.

Se antes, alguns hábitos e pontos de interesse dos jovens, poderiam ser considerados profanos, como ouvir rock e andar de skate, atitudes associadas ao comportamento desviante, agora esses hábitos ganhavam novo significado e ganhavam espaço dentro das programações dedicadas ao público jovem. Socialmente, esse movimento que o neopentecostalismo trouxe criou novos signos dentro da cultura da classe evangélica. Agora o adolescente e o jovem conseguem se ver dentro de um espaço onde não existe mais apenas o pastor, mas o pastor skatista, o líder roqueiro, o rapper cristão, o grafiteiro que usa a temática religiosa na sua arte. Os elementos culturais que antes atraíam o jovem para espaços sociais longe do espaço religioso, agora são reinterpretados e integram o discurso produzido para a criação de identificação do jovem com a igreja.

O ato de recriar um universo onde os símbolos e signos são reinterpretados, cria uma visão antagônica em relação ao espaço social não religioso, ou seja, torna a igreja inversamente relevante no propósito de criar um espaço de sentido social através da narrativa mítica em comparação com o espaço de sentido social criado e vivenciado fora do ambiente religioso. O esforço da igreja vai além de reproduzir um discurso antagônico baseado na tradição, mas se aplica também no trabalho religioso de produzir um discurso que construa um padrão moral, que oriente e organize a vida social. A partir do momento em que a produção do discurso religioso passa a orientar as relações sociais também fora do espaço eclesial, percebemos que tais relações passam a possuir caráter sobrenatural, o que significa dizer que as relações não se dão apenas no âmbito da troca de experiências através da vivência, mas num plano que vai além do natural, tendo por base a experiência religiosa. De certa forma, podemos enxergar a igreja como um espaço onde a religião é apresentada como fator orquestrante da visão de mundo e da organização social e onde indivíduos interagem para que, principalmente para os jovens e adolescentes, construam sua visão tendo base na estrutura do discurso natural-sobrenatural religioso. Bourdieu afirma que:

“...a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação de percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2011, p.33)”.

Diante de tudo que abordamos anteriormente, podemos afirmar que a igreja se propõe como espaço

religioso, mas se firma igualmente como um grupo social que, com base nas relações construídas no campo religioso, molda as diretrizes de padrões morais e comportamentais dos indivíduos que experienciam a vivência da fé, tornando-os cidadãos que se orientam, ante discussões sociais importantes, segundo o que entendem por integridade e consciência moral, que absorveram através do discurso religioso. Mas, não apenas fora do espaço religioso, essas diretrizes e padrões são construídos através das relações políticas dentro das instituições. Fato que observaremos no próximo tópico.

2. A Igreja como Instituição política

Vimos que a igreja cumpre sua função como grupo social formativo, criando espaços de socialização e construindo relações. No entanto, além de se apresentar como grupo social, também podemos ver a igreja como instituição que se organiza através das relações de poder, ou seja: uma instituição política.

A organização da estrutura eclesial respeita uma ordem baseada na hierarquia. Cada líder está subordinado a uma liderança maior, o que conduz toda a organização a uma liderança superior que coordena todo o funcionamento da estrutura. Na igreja católica, por exemplo, temos a figura do Papa como o líder que representa a autoridade institucional da igreja. Na igreja Metodista, na qual congrego nos últimos 10 anos, os bispos representam tal autoridade, tendo, assim como em outras instituições, o poder dividido a nível distrital, regional, nacional e mundial. Mas vale observar que é dentro da comunidade local de que esses espaços de atuação, que podemos chamar de divisão do trabalho, são divididos desde bem cedo. Assim como na organização de uma república democrática presidencialista, algumas igrejas dividem os campos de atuação em ministérios. Por exemplo: Ministério Infantil, ministério da música, tesouraria, ministério de jovens, de adolescentes e muitos outros. Cada líder responde por seu ministério e presta contas do desenvolvimento de cada ministério ao pastor responsável pela igreja. Uma prática comum dentre as igrejas que se dividem dessa forma, ou seja, em ministérios, é que exista um representante dentro de cada um desses grupos que responda como uma espécie de liderança que está submetida ao líder principal. Por exemplo: entre os meus 13 e os meus 18 anos, participei de grupos de teatro, dança e música na igreja onde congregava, na época a Igreja Missionária Evangélica Maranata, fundada no Rio de Janeiro e com igrejas somente no estado do Rio, e era liderado por uma das adolescentes no grupo de louvor (música). Essa líder respondia pela organização dos ensaios e da participação do grupo em eventos promovidos pela igreja. Acima dela estava o líder dos adolescentes, que respondia por todos os adolescentes ao pastor da igreja.

O que tento esclarecer com os exemplos do parágrafo anterior é que a divisão de tarefas desde cedo revela a importância das relações de poder, ou seja, a política atuante dentro da igreja. Ainda que, de alguma forma, a relação entre religião e política seja vista como campos diferentes de atuação, quando projetamos o olhar em direção a igreja como instituição, o valor das trocas simbólicas e a importância dos atores se revela tão presente e forte quanto fora do âmbito religioso. A burocracia e a racionalização dos processos, como nos descreveu Weber em seus escritos, se fazem presentes dentro das instituições religiosas, o que nos leva a repensar a igreja também como uma instituição política, mesmo que isso não signifique relações de poder junto ao Estado, como nos séculos XIV, XV e XVI.

A igreja, ainda que busque justificar sua estrutura através de ações sobrenaturais e subjetivas, como a “vontade soberana de Deus”, por exemplo, se organiza através de relações. Se observarmos que política se dá no campo das relações, podemos afirmar que onde há relações, há troca simbólica e valorização do capital simbólico³. Se há troca simbólica e valorização do capital simbólico, há relações de interesse e poder. Se há relações de poder, há política. Sendo assim, qualquer organização que se institucionaliza, é, de certo modo, uma organização política. Isso inclui até mesmo, e, especialmente, as igrejas.

Ao analisar as visões de Weber e Durkheim sobre a estrutura religiosa, Bourdieu ressalta a questão da importância dos sistemas simbólicos na construção de um pensamento e de uma percepção de mundo relevante com a estrutura de classe (BOURDIEU, 2011, p.33). Um cristão, e nesse caso me refiro principalmente aos cristãos dentro do espectro evangélico/protestante, forma a sua linha de pensamento e visão de mundo através daquilo que recebe como informação em sua comunidade de fé, em seu espaço de atuação no universo

³ O capital simbólico, segundo o conceito de Bourdieu apresentado em sua obra *O Poder Simbólico* (1989), é o quantitativo de conhecimento que adquirimos ao longo do tempo e que se transforma em uma espécie de moeda social, que possui valor simbólico nas relações. O quanto de estudo e leitura temos, por exemplo, pode nos dar uma posição privilegiada ou não na sociedade.

evangélico, o que significa participar de encontros, conferências e congressos em outras denominações que não são necessariamente a sua comunidade. Veículos de informação de conteúdo cristão também colaboram para essa formação de visão do mundo, principalmente as publicações e sites voltados para jovens e adolescentes. A forma hierarquizada de divisão de trabalho que vemos dentro de várias igrejas de diferentes denominações, deixa transparecer a ideia de que quem ocupa tais cargos possui, de alguma forma, qualidades e atributos que o qualificam para tal ocupação, ideia que em muito se assemelha com a ideia de racionalização de Weber. As tais qualificações podem ser realmente atributos técnicos ou totalmente simbólicos, como por exemplo, o tempo de membresia que determinado indivíduo possui na igreja, o que por si só se revela como atributo qualificante para a ocupação de algum cargo. Essa forma de estrutura não se detém apenas no espaço eclesiástico, mas avança e se derrama sobre a percepção social do indivíduo. Os valores assimilados dentro dessa estrutura, apesar de serem claramente regidos pelos processos de organização político-sociais históricos, possuem também caráter divino, o que, por vezes, complica a relação entre o indivíduo cristão e sua relação com a política e as questões de ordem social.

A participação do jovem em todo esse processo se dá através das responsabilidades políticas que ele ocupa, o que o faz ser parte da estrutura e reprodutor do discurso de organização amplamente baseado em conceitos políticos. Perceber que essa estrutura se faz através da atuação do indivíduo, não mata o entendimento fenomenológico da orientação divina, mas o diálogo entre as duas percepções, a política e a natural-sobrenatural, se confunde por vezes, produzindo uma espécie de discurso “político-divino”, ou seja, toda a discussão sobre a organização da estrutura eclesiástica se dá em termos de estrutura de organização política, mas é assimilada como total intervenção da vontade divina. Se um membro antigo de uma determinada igreja, por exemplo, assume uma posição importante dentro da estrutura eclesiástica por causa do peso de seu histórico dentro da instituição, e deve-se frisar que o cargo ocupado é através de um mecanismo amplamente político-democrático como o voto, o valor simbólico de sua eleição para aquele cargo ganha ainda mais importância quando se afirma que o cargo por ele ocupado não resulta dos mecanismos de escolha, mas pela vontade divina. E isso não se detém apenas dentro dos limites da igreja, mas se aplica também dentro do campo político-democrático do Estado. Apesar de não ser unanimidade, a visão de que “todas as autoridades foram instituídas por Deus” (Romanos 13: 1), essa é uma visão que é ensinada desde muito cedo na igreja, pois essa afirmação se conecta com os conceitos de obediência e soberania. As interpretações dessas afirmações, das formas de estrutura de atuação, da relevância que o capital simbólico possui na estruturação política da igreja, trazem como resultado a forma como os jovens lidam com o espectro político em nível de organização do Estado.

Tendo observado a forma de atuação da igreja como um grupo social, o que nos fica claro é o quão importante se faz a construção das relações, dos laços que trazem identidade e ressignificam a percepção do jovem como indivíduo. Independente da denominação, a igreja é um espaço onde o valor simbólico das relações se evidencia e toma um caráter de atributo determinante para ocupações políticas dentro do universo eclesiástico. Mas, não apenas no universo eclesiástico, tudo que esse jovem processa de informações adquiridas ao longo de sua experiência de convivência e atuação dentro de sua comunidade de fé, se aplica no campo da atuação sociopolítica. Isso evidencia a influência que religião, tendo a igreja como um espaço privado para sua prática, possui sobre a manutenção de uma visão de ordem político-social. Nas palavras de Bourdieu

“a igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a se contribuir para a manutenção da ordem simbólica: (I) pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a 'naturalização', capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião de festa ou de cerimônia religiosa, que constitui uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica dos símbolos religiosos com vistas a reforçar sua eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia; (II) ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispõe a fim de combater, no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem simbólica (2011, p.70)”.

Ao longo das duas últimas décadas, observamos o Brasil o crescimento do alinhamento entre atuação eclesiástica e atuação política de figuras importantes do universo cristão evangélico/protestante. Não é mais

raro, nos dias atuais, ligarmos a TV e nos depararmos com vereadores, deputados e senadores que carregam em seus nomes títulos como pastor, missionário, bispo e até mesmo apóstolos. As autoras Etiane Caloy Bovkalovski de Souza e Marionilde Dias Brepohl de Magalhães abordam essa ocupação na esfera pública no artigo “Os pentecostais: entre a fé e a política”. Essa ocupação de espaço no campo político do Estado tem, de certa forma, ligação com a ideia propagada dentro do meio evangélico/protestante de que “Feliz é a nação cujo Deus é Senhor” (Salmos 33: 12), Apesar de ganharem cada vez mais espaço, toda essa atuação no campo político ainda é motivo de muita discussão e controvérsia, tendo vista que o diálogo entre as visões religiosas e políticas são pregadas de forma diferente em cada denominação, não tendo nenhuma delas um consenso e muito menos unanimidade sobre ser correto ou não alinhar política e religião.

O reflexo de toda essa atuação sem um diálogo muito bem definido, traz para o centro da questão o jovem cristão, que assimila todo o processo de formas diversas e distintas entre si. Em tempos de comunicação globalizada, com a facilidade do acesso à internet, o espaço digital, amplamente explorado pelos jovens, se torna também campo de defesa e propagação de ideias e ideais. A atuação político-religiosa se dá, com muita força, nos debates em redes sociais e web fóruns, mas não se restringe ao mundo virtual apenas. O crescimento de grupos de atuação política com o envolvimento, e até a liderança, de jovens cristãos é contínua e significativa.

3. Conflitos entre as percepções dos espaços de atuação: espaço público x espaço privado

Ao observarmos a igreja não apenas como um grupo, mas também como instituição política, entendemos que a religião, como qualquer outro sistema simbólico, não se exclui da dinâmica social, apesar do caráter moralizante e de construção do indivíduo, esse caráter é compreendido dentro dos limites do campo religioso. A visão de mundo e a moralidade religiosa podem ser entendidas como construções que se realizam e encontram sentido e sentimento de pertença dentro da esfera do espaço privado, pois se aplica aos que integram aquele grupo. Os conceitos de soberania divina, vontade divina e salvação não são elementos que devam se fazer presentes no espaço de atuação na esfera pública. Isto significa, por exemplo, que a decisão tomada por um juiz em um processo ou o resultado de uma eleição em qualquer âmbito devam levar em consideração a ideia de que o que se fez é resultado de uma interferência divina. O que é assimilado como padrão moral dentro do espaço religioso não deve se aplicar como regra fora dele. Tal padrão pertence ao grupo e a ele se aplica.

O processo de formação do adolescente, quando se dá dentro desse espaço de pertença religioso cristão, se dá dentro dessa esfera privada, restrita, que considera determinadas regras comportamentais como padrão e parâmetro regulador da vida social. Apesar da pluralidade de percepções e interpretações dessas regras, muitos tendem a assimilar essas regras como única via de acesso a uma vida regrada e organizada, sob os pontos de vista moral e social. As conexões e a pluralidade das relações e das visões de mundo que se baseiam em outras tradições religiosas, e até mesmo em nenhuma tradição religiosa, são tomadas como concepções desviantes, que por estarem fora do padrão cristão aprendido, são assimiladas como erradas. Chegamos então em um ponto de conflito: o embate entre o público e o privado.

Devemos observar aqui que público e privado adotam conotações que determinam aquilo que é pensado e assimilado dentro de um determinado grupo e o que é assimilado e pensado fora de determinado grupo. É nesse ponto que percebermos o quão importante ainda se faz uma análise segundo a teoria da ação de Weber, pois o adolescente que se torna um jovem e entra em contato direto com um outro universo de atuação, vai, muito provavelmente, basear suas ações segundo aquilo que foi ensinado como regra e padrão. Mas a regra ensinada por si só, apenas, não é eficaz e nem sempre produz o mesmo resultado. Tudo depende da relação entre o indivíduo, no caso o adolescente e o jovem, e a forma como ele interpreta e transforma sua relação com o discurso em ação.

Não são raros os casos, por exemplo, de adolescentes que ao alcançarem a maior idade, e assim descobrirem novas possibilidades de interação e formas de construir relações em novos espaços, como o ingresso em uma universidade, deixam de seguir os parâmetros aprendidos nos anos de vivência no espaço religioso das igrejas evangélicas. O choque entre visões de mundo e as formas como elas se dão colaboram para um processo de desconstrução e reconstrução do modo de pensar. A visão dicotômica da existência de dois sistemas de organização dos padrões sócio morais, batizados de “Mundo” e “Igreja”, é tradicionalmente propagada dentro do universo cristão evangélico e traz em si a complexidade da assimilação de conceitos

diferentes daqueles tidos como primordiais e únicos para uma vida vivida corretamente. Esse tipo de visão nos leva diretamente a outro ponto conflitante: o entendimento de espaço político público.

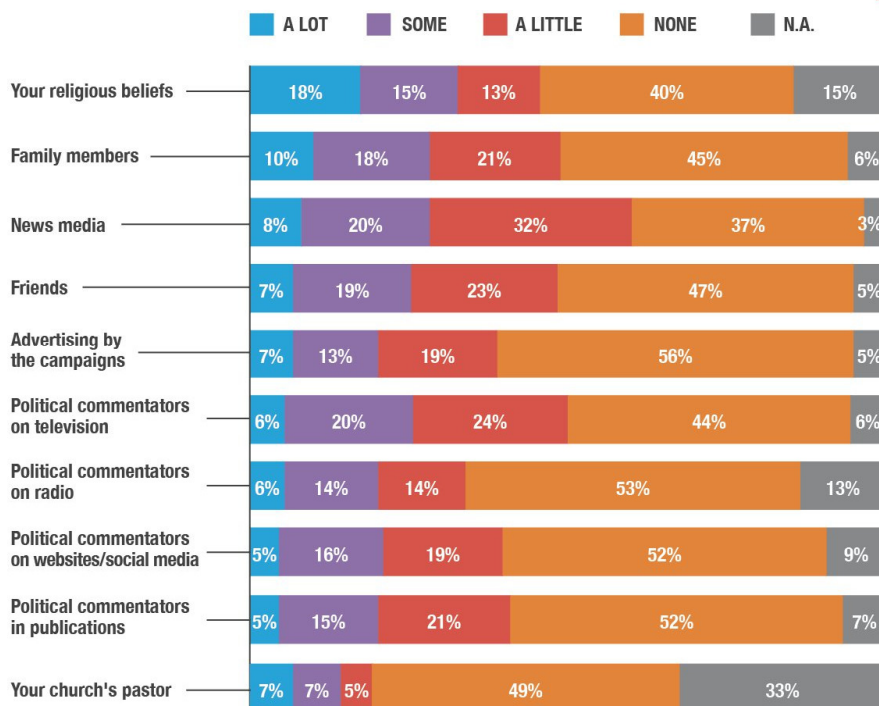
Assim como existem os adolescentes e jovens que rompem com o discurso privado produzido no espaço religioso, existem os que assimilam o espaço público como espaço de atuação e prática daquilo que aprendem dentro do espaço privado do campo religioso. O crescimento de movimentos cristãos universitários, por exemplo, é um fenômeno significativo. Cada vez mais jovens cristãos buscam validar o que assimilaram como verdade transformando o discurso em ação prática. Mais e mais eventos e movimentos surgem com a esperança de transformar a realidade que os cerca se afastando do “mundo”. Toda essa nova forma de ocupação dos espaços públicos busca uma expansão e um alcance maior, o que nos leva a observar outro fato importante: o aumento do envolvimento político de jovens cristãos e as diferentes linhas e interpretações dadas ao conceito de cristianismo e ação pública.

Vale lembrar que boa parte desses jovens tiveram algum tipo de envolvimento político dentro da sua comunidade de fé, alguns outros já ocuparam cargos de importância nacional dentro de suas denominações, mas o modo como interpretaram esse envolvimento os conduz a rumos diferentes. Os mais conservadores enxergam esse envolvimento como uma forma de cumprir propósitos divinos e fazer com que o conceito bíblico tradicional, que numa visão conservadora se traduz na manutenção das instituições como “Deus as criou”, seja assimilado como regra de comportamento e padrão moral para toda e qualquer pessoa. Não é raro observar que os que assimilam dessa forma o espaço de atuação no campo religioso, quando entram em contato com o universo político público, tendem a defender e propagar ideias conservadoras. Questões como o envolvimento com os movimentos estudantis e sociais, direitos das minorias e direitos humanos muitas vezes são tomados como ideologias desviantes dos ideais cristãos e dos preceitos bíblicos. Sendo assim, propagam e defendem ações de lideranças religiosas no campo político para que a atuação destes signifique impedir o avanço de uma visão que confronte com aquilo que se tomou por verdade divina. Há ainda os que interpretam a vontade divina de outra forma e entendem que a mensagem do cristianismo é transformadora e revolucionária, lançando uma visão progressista sobre o cristianismo e considerando que a atuação da religião como ferramenta de organização social releva a subjetividade de cada indivíduo. Sendo assim, consideram que a visão do cristianismo deva ser inclusiva, não excludente, considerando que o espaço religioso se guia pela lógica da inclusão e exclusão (BOURDIEU, 2011: p.30). No espectro político tudo isso tem um impacto importante, considerando política no sentido das relações e política no âmbito da organização do Estado.

A religião, segundo pesquisa realizada pela instituição americana de pesquisas voltadas ao universo cristão Barna Group, apareceu como maior fonte de influência sobre os eleitores no momento da escolha do melhor candidato à presidência nas últimas eleições americanas, é a maior fonte de influência. Apesar do aumento do número de pessoas que não frequentam igrejas com regularidade (BARNA GROUP, 2014), o percentual da pesquisa revela que os preceitos religiosos são um norte até mesmo na escolha do candidato à presidência. Os números alcançados pela pesquisa podemos observar no gráfico abaixo:

Source of political influence (all adults)

Barna



n=1,023 | September 2016 | Adults 18+

A pesquisa aponta também um dado interessante em relação aos pastores: eles ocupam a última colocação na pesquisa. Isso significa que a imagem do líder por si só não representa autoridade, mas que a autoridade e seu poder de influência só se faz possível através das relações. Todos esses dados revelam o poder de influência da religião em questões sociais. Tal poder de influência se constrói a nível privado, ou seja, restrito aos limites do campo religioso, e se derrama no cotidiano a nível público. A religião se apresenta então, principalmente ao jovem e ao adolescente, como uma fonte de organização social, trazendo assim para o centro da discussão até que ponto a visão de mundo construída dentro de um grupo, o que podemos chamar de visão privada, pode afetar o espaço público.

Para entendermos a relação entre o jovem, o espaço público e o espaço privado, precisamos levar em consideração que essa relação possui muitas interpretações. Essas interpretações se constroem, principalmente, a partir do quanto de capital simbólico um indivíduo possui. Cada leitura, as visões políticas de pais e parentes, o quanto de estudo um indivíduo possui e o quão fácil é, ou não, o acesso à informação são fatores que determinam o quanto de capital simbólico cada indivíduo possui. Quanto maior o acesso a informação e a educação, maiores são as chances das interpretações das relações e processos nos quais esse indivíduo está inserido, ou apenas observando, serem elaboradas. Conservadoras ou progressistas, as visões políticas e de organização social dos jovens cristãos vão sempre corresponder ao quanto de complexidade eles conseguem assimilar, tendo por base o seu capital simbólico. Sendo assim, podemos afirmar que toda a informação assimilada pela juventude dentro do espaço privado do campo religioso terá interpretações variadas e se converterá em ações das mais diversas formas dentro do espaço público, afirmando a religião como ferramenta de legitimação da ordem estrutural, relacionando o campo religioso e o campo do poder.

Considerações Finais

Ao finalizar esta breve análise a que me propus, torna-se necessário considerar, a partir das questões expostas, que as relações construídas no espaço religioso, principalmente as relações construídas na vivência dentro dos espaços da igreja no período da adolescência e na juventude, apresentam caráter não apenas social,

mas também político. Há uma necessidade de problematizar essa vivência dentro do contexto “público x privado”, para que se possa observar como as relações se dão dentro desses espaços e como elas se afetam. É necessário desconstruir a ideia de que a colaboração da religião para a formação sócio-política do jovem segue apenas a tendência conservadora e isola outras possibilidades. Apesar de existir uma problemática na compreensão da pluralidade no contexto do espaço público, existem várias linhas de assimilação do conceito de cristianismo, que produz outras tendências sócio-políticas e quebram o pré-conceito de que a religião e sua vivência são apenas ferramentas de alienação. É preciso perceber que política diz respeito a relações e que relações se dão dentro ou não do espaço religioso, isso significa que todas as relações são políticas e por isso precisamos interpretar as relações e buscar entender como se dá o processo de construção dessas relações, levando em consideração a subjetividade de todos os atores envolvidos no processo. O jovem e o adolescente ocupam um espaço importante nesse processo, pois estão em processo de formação e assimilação das possíveis visões de mundo, o que significa dizer que, essas experiências serão informações importantes para a construção de indivíduo adulto que reconhece a importância das relações e as constrói segundo aquilo que assimilou.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LÍRIO, Luciano de Carvalho. **Adolescentes num contexto fundamentalista**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/12312/0>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2017.

JÚNIOR, Nilson da Silva. **Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/12312/0>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2017.

BARNA GROUP. **10 Facts About America's Churchless**. Disponível em: <https://www.barna.com/research/10-facts-about-americas-churchless/>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2017.

BARNA GROUP. **Religious Beliefs Have Greatest Influence on Voting Decisions**. Disponível em: <https://www.barna.com/research/religious-beliefs-have-greatest-influence-on-voting-decisions/>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2017.

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; Magalhães, Marionilde Dias Brepohl de. **Os pentecostais: entre a fé e a política**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000100006&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10 de Janeiro de 2017.